



«A democracia é uma conquista de todo o povo»

Seis meses depois sobre o 25 de Abril, o primeiro-ministro Vasco Gonçalves falou na T. V., sobre as conquistas democráticas e acerca da luta política. Eis algumas das suas afirmações:

«O País está longe da situação de caos ou de ruína, que os mais pessimistas diziam estar a chegar», embora suportemos dificuldades económicas, «porque herdamos um passivo tremendo do Estado fascista e temos problemas próprios, inerentes às grandes transformações por que o País tem passado». (...)

«É claro que os nossos inimigos esgravatam muito nestas coisas, caluniam-nos a torto e a direito. Não estranhamos, isso é o que acontece em todos os regimes democráticos e recém-democráticos e em particular no nosso, que é o único no Mundo, um regime que aparece depois de cinquenta anos em que vivemos sob o embrutecimento sistemático do fascismo, fascismo esse que tinha um consenso profundamente económico (...).

Nós o que pretendemos é que o nosso país tenha os seus destinos dirigidos no sentido do interesse do nosso povo e não no sentido do interesse de certas minorias muito restritas, que olhavam basicamente aos seus lucros e não ao interesse do povo português. Portanto, é preciso que fique bem definido em todas as consciências que nós não somos contra a propriedade privada. Chegam até a acusar-nos de querer retirar ou expropriar as habitações, as casas dos pobres, etc. Isto é típico de uma estratégia de ataque dos meios reaccionários, dos meios fascistas, que não podendo dizer que a democracia é uma coisa má (...), têm que incitar outros «papões», e incitam os mesmos do tempo do fascismo. O povo deve tomar consciência disto e estar alerta contra os «papões» que lhe atiram para a frente dos olhos e dos ouvidos, em certos meios e a todo o momento.

A iniciativa privada tem um papel a desempenhar no nosso país. Simplesmente essa iniciativa tem de estar ao serviço do nosso país, basicamente ao serviço do nosso país.» (...)

«A democracia é uma conquista de todo o povo, não é um bem que seja dado pela cúpula que dá democracia. A cúpula, quer dizer as autoridades governamentais, o Estado democrático, pode favorecer em grande escala a conquista dessa democracia, mas ela tem de ser sobretudo obtida na luta quotidiana (...) não é qualquer coisa que se obtenha de um dia para o outro mas que leva tempo a consolidar, a criar (...) O nosso povo, tão oprimido estava, que viu o 25 de Abril como o aparecimento quase messiânico de uma situação que de um dia para o outro resolvia os seus problemas. Já verificou que isso não era possível. Mas também já verificou, com certeza, que muito tem melhorado na sua vida, depois do 25 de Abril. Até pode ser, hoje, muito mais alegre do que antes. Pode ter uma alegria que não tinha com certeza antes do 25 de Abril. Pois bem, ele (o povo) tem de ir diariamente conquistando essa democracia. (...)

«O Movimento das Forças Armadas sozinho não pode criar a democracia. Pode ajudar a criá-la, mas é o povo quem tem de lutar decididamente pela democracia, tendo bem presente que esta palavra luta significa esclarecimento, significa luta política, luta ideológica, não significa violência. De resto está bem patente aos olhos de todo o Mundo que o nosso povo é assim que tem feito porque depois de seis meses sobre o 25 de Abril, e de tantas dificuldades que temos tido, nós temos a honra e o orgulho de dizer, que em Portugal, tudo temos feito sem um tiro, sem a necessidade de ter disparado um tiro».

MÃOS DADAS

Na semana passada o Movimento das Forças Armadas, em conjugação com forças da PSP e da GNR e da GF organizaram uma operação de intensa actividade no norte do País, destinada a prevenir veledades e a reprimir transgressões.

De Mãos Dadas a apelidou. E à felicidade do rótulo, correspondeu a felicidade da iniciativa, que, para além de mostrar quão atentos se encontram os responsáveis pelo fiel cumprimento do Programa do Movimento, teve o condão de mostrar aos inconscientes da estrada que, de um momento para o outro, terão o merecido prémio.

Outra iniciativa veio a lume, de não menos interesse e alcance. O Movimento das Forças Armadas, empenhado, como se encontra, em esclarecer e preparar as massas, vai organizar, de variadas maneiras, campanhas de esclarecimento que entrarão nos diferentes recantos do País,

e levarão a crianças e adultos uma ideia da pureza das ideias e dos elevados objectivos que o Programa tem em vista. Educar, esclarecer, sem outro partidatismo que não seja o da Democracia Autêntica, eis a operação que vem ao encontro do que escrevi na última semana e que, ao fim e ao cabo, para surgir, como surgiu, estava em preparação quando abordei o meu tema.

De mãos dadas se deve considerar também esta operação.

E bom será que o povo, recebendo e assimilando a lição, mantenha dadas as suas mãos com as Forças Armadas, que o libertaram da longa e negra noite que o dominou e se mostram dispostas a encaminhá-lo no sentido da luz natural.

Para além da gratidão, tal gesto apresentará para o Povo a certeza de uma vida melhor: mais lúcida e independente.

Amadeu Moraes

Será possível!?

Segundo nos informam, as desejadas obras da C. P., que implicariam, além da demolição daquele barraco que serve de armazém ao cais de mercadorias e constitui um cartaz de estalo, frente ao Praiagolfe, o levantamento de uma nova vedação da rua 7 à rua 23, a mudança da estação de Espinho - Praia, a construção de novo cais de mercadorias ao sul (perto do campo de futebol), não se farão tão cedo porque a C. P. não tem dinheiro, porque só se o Estado abrir os cordões à bolsa, porque só se a Direcção Superior tal e tal se decidir, porque, porque...

Francamente a surpresa não é grande para nós, porquanto estamos sempre de pé atrás, tantas foram as provas de má vontade, de sobranceira, digamos de desprezo até, que os altos comandos da C. P. têm evidenciado para com Espinho. A nossa posição não pode ser outra e nem sequer poderá ser acusada de exagero se lembrarmos todo um passado em que fomos amordaçados pela indiferença e pelo esquecimento.

Na verdade, muitos maus tratos

tem sofrido a nossa terra sem uma pausa de compreensão, sem uma atitude de interesse, sem, com mil diabos, um pequeno gesto de delicadeza. Quantas vezes, dentro da nossa pequenez e da nossa humildade, nos quedamos junto aos «enormes portões dos grandes senhores» à espera de uma resposta à justiça que nos assistia e só recebemos o silêncio.

Não exageramos, repetimos. Basta olhar para uma estação que pouca diferença faz daquela que podemos rever nos postais amarelados de 1905, e que nem sequer é monumento... Basta admirar aquele «estafermo» da estação de Espinho - Praia, autêntico escarvo e insulto à ânsia de progresso e renovação. Basta lembrar a «anexação», para não lhe dar outro nome, dos terrenos a nascente da estação de Espinho - Vouga, ao fim da rua 14, que foram arbitrariamente vedados, numa manobra tipicamente nazi, e sonogados ao domínio público. Basta acusar aquelas passagens de nível que são autênti-

(Continua na página 2)

GAZETILHA

A morte e a vida

Passam de leve sobre as campas frias
Aragens tristes, do cair das folhas;
Quadra de lutos, de romagens pias,
Saudade viva que alguns olhos molhas...

Vagueio na lutuosa solidão.
Foram-se embora os vivos. Só ficaram
Os mortos, mais as flores pelo chão,
Murchando no abandono em que as deixaram...

Que faço eu aqui, só,
Temendo que também hei-de acabar?
Não! Não quero mais ter dó
De mim, morbidamente. Eu não morri.

Toca a sair d'aqui!
Revoltei-me! Quero continuar!
Diz-se que «quem andou, não tem pra andar»...
Mas nunca se andou tudo! Há que lutar,
Enquanto houver um sopro que me anime,
Haste de vime,
Trama de cordas a que me agarrar!
Viver é coisa tão aliciante,
Que até perto do fim, se inventam forças
Para não sucumbir,
Para se recompor e resistir!
Quem é que está de acordo em aceitar
Esse fatal instante,
O triste fim, podendo-se eximir,
Podendo-se furtar — porque acha cedo
E, sobretudo, porque não tem medo
À estúpida ocorrência... de morrer?!

.....
E todo o meu sentir então acorda:

Armei-me em estafeta;
De Norte a Sul, pus-me a «correr a borda»...
E fui comer enguias... ao «Marrêta»...

ALBERTO BARBOSA (BEKA)

Será possível!?

(Continuação da pág. 1)

cas ratoeiras, com tantas mortes no seu activo sangrento. Basta...

A C.P. não tem dinheiro. A C.P. como concessionária, só por si não resolve. Mas a C.P., que é uma empresa de interesse público, já diligenciou, como é de sua obrigação, junto das fontes onde tem de buscar directrizes e capital? Porque espera a C.P.? Só recebe? Ao serviço de quem está a C.P.?

Há tempos, ouvimos falar de uma transformação da sua orgânica administrativa numa empresa dinâmica e moderna. Apareceu um Gabinete de «Relações Públicas» que não conhece Espinho nem a sua imprensa e registamos um emblema novo, que assenta «muito bem» na maior parte do material antiquado que ainda circula. E quando se vai a uma das suas

repartições técnicas, esbarramos diante a «organização» e «eficiência» com que é tratada a questão em causa.

O tempo dos «enormes portões dos grandes senhores» já findou.

O tempo da incapacidade, da inconsciência e do desrespeito pelo interesse do povo tem de acabar.

Espinho exige da C. P. mais respeito e consideração.

Se a C. P. não tem capital para cumprir o que deve a Espinho, abeirre-se de quem de direito e realize-se como empresa dinâmica e de interesse público, sem esperar que aqueles que lhe dão razão de ser façam o trabalho que lhe compete.

Espinho está cansado de esperar, e a impaciência só trará problemas para todos.

A. G.

DEFESA DE **ESPINHO**

SEMANÁRIO

FUNDADOR

BENJAMIM COSTA DIAS

ADMINISTRADOR E CHEFE DE REDACÇÃO

ANTÓNIO GAIO

REDACÇÃO

ARMENIO GOMES
CARLOS PINHEIRO MORAIS
JOÃO QUINTA

PROPRIEDADE

EMPES — EMPRESA DE PUBLICIDADE DE ESPINHO, LDA.

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO

Officinas gráficas da CASA NUN'ALVARES
Rua de Santa Catarina, 630
PORTO

Jornadas Democráticas

Decorrem em Lisboa as «JORNADAS DEMOCRÁTICAS», uma iniciativa do M.D.P., que procura, através de debates, colóquios e outras manifestações do género, em todo o país, levar as pessoas a discutirem em conjunto os problemas resultantes de uma política de opressão social, económica e cultural, como era a do regime fascista deposedo.

Em Espinho foram abordados, por grupos de trabalho, os temas da 1.ª e 5.ª secções, respectivamente: desenvolvimento da vida local e regional e ensino e cultura populares na luta pela democracia. As conclusões destes foram acrescentadas conclusões de debates públicos que tiveram uma aceitável participação. Contamos no próximo número apresentar os textos com as conclusões dessas iniciativas. Para já reproduzimos o texto de apoio à discussão do tema «Cultura Popular».

«Pretendendo contribuir para esta discussão, organizou o M.D.P. de Espinho um grupo de trabalho que se debruçou sobre esse tema, realizando inquéritos junto de entidades ligadas a actividades culturais no nosso concelho (grupos culturais, clubes, bandas, estabelecimentos de ensino, bombeiros, partidos políticos, Comissão de Turismo, etc.). Com base nos dados obtidos, assim como nas conclusões de um debate

efectuado em sessão pública no dia 26 do corrente na Sede da Associação Académica de Espinho, pretende-se lançar os inícios de uma possível acção cultural a nível do concelho, e elaborar um texto que denuncie a situação actual da cultura em Espinho, texto que será enviado às Jornadas Democráticas do M.D.P., a realizar em Lisboa de 1 a 3 de Novembro.

É evidente que esta acção cultural, para se poder concretizar, tem forçosamente de se basear num conhecimento prévio das condições concretas em que aliás aqui se desenrolou o fenómeno cultural. O governo fascista, protector dos grandes monopólios e latifúndios, tinha como base da sua política manter o povo português na ignorância, impedindo-o de tomar consciência correcta da realidade que o rodeava, dificultando assim qualquer justa reacção contra a sua política. Embora houvesse uma parte considerável da população que tentava reagir, apesar da forte repressão policial, a grande maioria do povo continuava adormecida, «distraindo-se» e «cultivando-se» conforme o governo deixava, isto é com o futebol, com os folhetins e com o cinema (geralmente de má qualidade).

Era esta a falsa cultura utilizada pelo fascismo para iludir as pessoas, para lhes tirar o poder de acção, o desejo de transformação. A este tipo de «cultura» é preciso começar a opor uma verdadeira cultura popular, baseada nas tradições e necessidades culturais do povo português, e que sirva, ao mesmo tempo, para o ajudar a saber viver em democracia, dando-lhe uma consciência da sua situação de participante fundamental no processo de democratização.

QUE CULTURA EM ESPINHO?

Em Espinho como no resto do país, as pessoas tinham como meios de «cultura popular» o cinema (com cow-boys, kung-fu, histórias de amor, etc.), o teatro de Vasco Morgado e os festivais. Quanto às colectividades de recreio e cultura quedavam-se num silêncio quase total devido à falta de dinheiro, de pessoas interessadas, e da repressão policial.

Existiram, contudo, certas tentativas de criar uma cultura que fosse dirigida aos verdadeiros problemas das classes mais desfavorecidas, sem contudo se atingirem os objectivos inicialmente pensados por culpa das dificuldades já indicadas.

Proposta de Debate:
Dadas as condições que actualmente existem no nosso país a formação cultural terá um papel dinamizador e consciencializador, fazendo com que as pessoas conheçam melhor a sociedade em que vivem, ficando assim mais aptas para a transformarem e mais preparadas para fazerem o nosso país seguir o caminho que todos em conjunto escolheremos.

Dr. Ferreira de Campos

Advogado

Telefone 920805 Rua 11-877

ESPINHO

Oferece serviços

TÉCNICO DE CONTAS

Manuel Rodrigues da Silva
Portaria n.º 21.247 de 23/4/1965
Avenida da Praia — Apartado n.º 5
ESMORIZ

TELE-ROCHA

Rua 31 n.º 469

Telef. 920325-977

Importador Electrodomésticos EDESA

BOSCH — KREFFT — ARISTON

RÁDIO E T.V.: BLAUPUNKT — LOEWE-OPTA

INSTALAÇÕES ELÉCTRICAS

CANALIZAÇÕES

CARTUCHOS COM MÚSICA 80\$00

CASSETES COM MÚSICA 60\$00

TÉCNICOS ELECTRÓNICA E ELECTRODOMÉSTICOS

MÓVEIS ● ALCATIFAS

PESSOAL PERMANENTE PARA ASSISTÊNCIA

Tribunal Judicial da Comarca de Espinho

ANÚNCIO

No dia 26 do próximo mês de Novembro, pelas 10,30 horas, no Tribunal Judicial desta comarca, nos autos de carta precatória para venda de bens vinda do 2.º Juiz do Tribunal Judicial da comarca da Vila da Feira e que correm pela Secção de Processos da Secretaria Judicial desta comarca de Espinho extraída dos autos de liquidação do activo por apenso à insolvência decretada contra António Moreira da Costa, que foi de Espinho, serão postos em praça pela primeira vez, para serem arrematados ao maior lance oferecido, os móveis acima do valor indicado no processo e os imóveis acima do valor que adiante se indica, os seguintes bens arrolados ao insolvente acima referido:

MÓVEIS

- 1.º — Uma mesa, um aparador e seis cadeiras;
- 2.º — Uma cama de casal com colchão de rede, duas mesinhas de cabeceira, uma cómoda e duas cadeiras.

IMÓVEIS

- 3.º — Um prédio de casas destinado a indústria e habitação, composto de rés-do-chão e primeiro andar, anexo e pátio, sito na Rua 26, n.º 936 a 950, tendo outra casa de rés-do-chão nas traseiras adaptada a duas moradias e um armazém, que vai à praça pelo valor de 300.000\$00; e
- 4.º — Prédio urbano composto de duas casas para habitação e comércio, com logradouro e anexo, com os números de polícia 926 e 928, sito na Rua 26, desta cidade de Espinho, que vai à praça pelo valor de 130.000\$00.

Espinho, 24 de Outubro de 1974.

O Juiz de Direito,

Emídio Teixeira

O escrivão de Direito,

José Pinto de Magalhães Júnior

VIDA REGIONAL

ANTA

A NOSSA TUNA

Deixando em descanso os habituais «buracos» dou um salto à NOSSA TUNA que, neste momento, se prepara para sair à rua, a angariar fundos destinados à segunda fase da construção da sua Nova Sede.

O momento não será o mais indicado, devido ao facto de termos os organizadores do nosso S. Martinho, padroeiro da freguesia, envolvidos na sua propaganda angariadora de donativos que lhes proporcionem a ousadia necessária para se aventurarem a presentear o nosso bom povo de Anta com uma festa brilhante de bairro.

No dia 26 já exibiram-se ranchos, organizados pelos mesários, no largo do Souto, com o intuito de criar ambiente de competição. Na verdade isso aconteceu aguardando-se que de igual modo se tenham soldado os cordões às bolsas, como será de desejar pela Comissão.

Deixando também o nosso S. Martinho para o seu dia, que se deseja solarengo para se saborearem as castanhas assadas da ordem, volto ao assunto delicado e de interesse incontestado que são as obras da Nossa Tuna.

Era intenção geral que se fizesse a passagem do 74 para 75 já dentro da nova Sede. Não parece viável tal desejo. Tudo se tem complicado, desde a falta de mão de obra até falta de materiais. Basta lembrar a falta havida com cimento no mercado. Outro pormenor que se relaciona com a falta de telha. A que está colocada no telhado foi cedida por um amigo da Tuna e sócio, que aguarda que lhe entreguemos telha quando dela necessitar. Se assim não fosse aguardando se estaria ou então haveria que adquirir-se noutra mercado, onde o preço já é outro. Isto é um exemplo de ajuda, que felizmente não é isolada.

O telhado é obra desta ajuda. Toda a madeira de eucalipto de primeiríssima foi grátis. O transporte dela para a serração, assim como a sua traçagem também está na lista das ofertas.

A armação, a colocação da telha foi obra onde se não dispendeu um centavo. Um punhado de pessoas ergueu em dia e meio aquele telhado. Não restam dúvidas que o nosso povo está com a Tuna. E não restam dúvidas também que temos ainda muitos punhados de amigos que esperam que lhes solicitem a sua ajuda. E nós não podemos deixar de o fazer, com sério risco de os perdermos por ficarem molestados com a falta havida. É certo e sabido que todos irão ter o seu quinhão na Sede da Nossa Tuna, mas para que tal aconteça, necessário se torna que os responsáveis pelos destinos dela se apressem a convidar toda a gente para contribuir com o seu bocadinho.

Esta é uma etapa muito melindrosa, porque se desenrola num período em que necessitamos de saber para onde caminhamos conscientemente. Há muitas preocupações em todos os cérebros. Mas a conclusão das obras da Nossa Tuna não dão dores de cabeça a muita gente. Bastará que cada um ordene em sua casa o valor do quinhão que querará ter na Sua Tuna. Alguém aparecerá para recolher essa boa vontade transformada em auxílio concreto que se apalpa e se vê.

Dentro desta etapa ainda haveria que pensar-se em novos rumos a dar ao modo de actuação das suas estruturas. Porque não servirá de nada todo este esforço colectivo se, no fim, as águas se quedarem estagnadas, sem serem aproveitadas para culturas úberes.

Enquanto houver o problema de angariar fundos todo o resto será difícil, mas viável. Uma equipa trataria desse trabalho, outra começaria a tratar de estruturar a vida da Nossa Tuna, voltada para o futuro que bem necessita de outros olhos para ver o amanhã.

31.10.1974

ERRO

A DEFESA precisa de mais assinantes

NOTÍCIAS DA CIDADE

Agenda

COLÓQUIOS

— 900 PARTICIPANTES

Parece definitivamente afastado o tempo em que, um colóquio, tomava para a população um aspecto de coisa rara a que só podiam assistir certos senhores importantes e cultos cá da terra. Ao mesmo tempo deixou de ser dia de festa para esses mesmos senhores, o dia em que aparecia anunciado um colóquio.

Assim, durante os dias 25, 26 e 27, passados, cerca de noventa pessoas participaram em Espinho em colóquios sobre temas variados, como: socialismo, sindicalismo, ensino, cultura, desporto e estruturas sociais. Três nomes credenciados: José Luis Nunes, Avelino Pacheco Gonçalves, Professor Teixeira Lopes. Quatro organizações: P.S., P.C.P., M.D.P., e M.J.T. Cinco colóquios. Novecentas pessoas. O direito de reunião conquistado e exercido. E na terça-feira houve mais!

JORNAL DE LOUSADA

No seu número do passado dia 26 de Outubro o «Jornal de Lousada» transcreveu na íntegra o artigo «Os britadores de pedra», da autoria do nosso prezado colaborador Alvaro Baptista, recentemente publicado nas nossas colunas. Ficamos gratos pela transcrição.

CARTÓRIO NOTARIAL DE ESPINHO

Notária: Maria Fernanda de Vasconcelos de Aguiar da Fonseca e Castro.

ANTÓNIO FILIPE TEODÓSIO & COMPANHIA, LIMITADA

Certifico que por escritura de 26 de Setembro de 1974, lavrada a folhas noventa e sete, verso, do livro B-38 deste cartório, António Filipe Teodósio e Lucília de Almeida Ferreira Garcia Teodósio deram nova redacção ao artigo do pacto social da sociedade em epígrafe, sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, com sede nesta cidade, Rua 21, 763, assim: QUINTO — A gerência da sociedade, dispensada de caução, e com ou sem remuneração conforme vier a ser deliberado em assembleia geral, compete a ambos os sócios que desde já são nomeados gerentes, sendo suficiente a assinatura de um só para obrigar a sociedade em todos os actos e contratos.

Parágrafo único — Nenhum gerente poderá obrigar a sociedade por fianças, abonações, letras de favor e mais actos de interesse alheio aos negócios sociais, incorrendo o sócio que pratique tais actos em responsabilidade de perdas e danos a que der lugar, independentemente doutras consequências legais.

Está conforme ao original

Espinho e Cartório Notarial, 27 de Setembro de 1974.

A ajudante do cartório,

Berta da Silva Lopes Dias de Carvalho

Aluga-se

ESTABELECIMENTO PARA
COMERCIO NA RUA 24 N.º 1001
E 1011. TELEFONE N.º 921418

A PASTA DEU PISTA

Fins de Setembro. Porto, zona da Sé. Um fulano com uma pasta. Na pasta relógios de pulso. O fulano a pretender vendê-los. O «negócio» chega aos ouvidos da Polícia Judiciária. Alguns agentes tratam de localizar o negociante. Entram à fala com ele. Identificam-no como sendo Manuel Fernando da Silva. De profissão trolha e natural de Pedroso, Gaia. Morada, desconhecida. Não soube, de imediato, dizer de onde lhe tinham vindo os relógios que tinha consigo. E a pista deu resultados concretos. Acabou por confessar que tinha, com outros dois «cavalheiros», assaltado dois estabelecimentos de Espinho, na rua 62, n.º 105 e na rua 26, n.º 347, pertencentes, respectivamente, a Alvaro de Almeida Nunes de Pinho e a Luís de Oliveira. Ele e os compinchas Domingos Rodrigues da Cunha, pintor, e Manuel Araújo Campos Couto, desenhador, fizeram a grande «obra» de limpeza aos dois estabelecimentos, roubando relógios, artigos fotográficos, etc., no valor global de uns 120 milhares de escudos. Parte destes artigos foram colocados no «mercado» estrangeiro, sendo transaccionados por um dos ilustres sócios do «gang» em Orense, do que recolhera seis dezenas de pesetas para distribuir irmãmente pelos «accionistas». A «contabilidade» vai ser agora devidamente controlada através do processo que foi entregue no Tribunal da nossa Comarca.

ACADEMIA DE MÚSICA DE ESPINHO

— CERTIFICADOS BRITÂNICOS

Por lapso não foi mencionado, nesta local da semana passada, o nome da aluna Maria Clarinda Zenha Pinho, que também obteve o título LOWER CAMBRIDGE CERTIFICATE IN ENGLISH.

— INSITUTO DE CULTURA ALEMÃ NA UNIVERSIDADE DO PORTO

Avisam-se todos os alunos inscritos que as aulas do Curso de Alemão têm início na próxima segunda-feira, dia 4, na Academia de Música de Espinho, com o seguinte horário: 1.º ANO — 18,30 horas; 2.º ANO — 19,30 horas; 3.º ANO — 20,30 horas.

Vendem-se

Terrenos frente à estrada de Silvalde. Trata D. Rosa — Rua da Firmeza n.º 152 — PORTO

VENDE-SE

Mobiliária de quarto de casal completa, bom estado, mogno, Queen Anne. Preço à vista

Rua 24 n.º 817 - 2.º Esq.
Telefone, 921027 ESPINHO

Colabore para uma cidade limpa

POLICIAMENTO GRATUITOS

Há muitos anos que clubes e federações vêm debatendo o problema do obrigatório policiamento dos encontros desportivos, não pela obrigatoriedade, que nunca discutiram, mas sim pelos encargos financeiros que ele representa. Todas as sugestões e pedidos feitos para diminuir as despesas ou a sua gratuitidade nunca tiveram acolhimento favorável, nem mesmo quando se punha em confronto com a seguida em Portugal a prática adoptada noutros países. Vem-nos agora uma atitude espontânea e voluntária de agentes da PSP do Porto que nos merece o melhor louvor e é um índice mais de como as mentalidades nacionais se vão transformando desde o 25 de Abril. Colhemos de uma circular da Associação de Voleibol do Porto o seguinte texto: «Nos Campeonatos Regionais e demais provas da época de 1974/75 da A. V. do Porto, o policiamento dos campos sitos na área de actuação da P.S.P. do Porto, será efectuado gratuitamente por um corpo de voluntários daquela Corporação». Quando é que, em outras áreas e em outras modalidades sem bilheteira, será imitado este bom exemplo dos cívicos portuenses?

TORNEIO DO M. J. T.

Finalizou no passado domingo, 27, o torneio de futebol de salão organizado pelo Movimento da Juventude Trabalhadora, que se desenrolou durante cerca de um mês no Pavilhão Desportivo da E.I.C.E. Não houve golos na sessão final mas apenas a entrega das taças aos vencedores após o que o Prof. Teixeira Lopes encetou com os jovens um colóquio sobre o livro do Dr. José Esteves — Desporto e Estruturas Sociais.

DO HOSPITAL

MOVIMENTO DE 22 a 28/10/1974

Internamentos gerais	38
Exames radiográficos	120
Crianças nascidas	13

Intervenções Cirúrgicas

Urologia	5
Obstetricia	2
Otorrino	10
Oftalmologia	2
Cirurgia Geral	11

Serviço de Urgência

Homens	161
Mulheres	101

Internados entre outros:

Joaquim Tomás Soares Couto, para medicina, de Silvalde; David Rodrigues, para medicina, de Oleiros; Maria Augusta Moreira Figueiredo, para cirurgia, de Espinho; Ana Fernanda Vasconcelos Teixeira Silva, para obstetricia, de Espinho.

Garrafas

Tipo champanhe e outras, vasilhas, vendem-se. Ver e tratar das 9,30 às 12,30 todos os dias úteis na Rua 62 n.º 258 — Telef. 920850 ESPINHO

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

Hoje, Sábado, 2 — GRANDE FARMÁCIA, Rua 62, n.º 457 — Telef. 920092.
Amanhã, Domingo, 3 — FARMÁCIA TEIXEIRA, Rua 19, n.º 46 — Telef. 920352.
Segunda-Feira, 4 — FARMÁCIA SANTOS, Rua 19, n.º 263 — Telef. 920331.
Terça-Feira, 5 — FARMÁCIA PAIVA, Rua 19, n.º 319 — Telef. 920250.
Quarta-Feira, 6 — FARMÁCIA HIGIENE, Rua 19, n.º 393 — Telef. 920320.
Quinta-Feira, 7 — GRANDE FARMÁCIA, Rua 62 n.º 457 — Telef. 920092.
Sexta-Feira, 8 — FARMÁCIA TEIXEIRA, Rua 19, n.º 46 — Telef. 920352.

CINEMAS

S. PEDRO:

Hoje, Sábado, 2 — CHEGA-LHE AMIGO, com Bud Spencer e Jack Palance — 10 anos.

Amanhã, Domingo, 3 — O MISTÉRIOSO MR. MACKINTOSH, com Paul Newman e Dominique Sanda — 18 anos.

Terça-Feira, 5 — O VALE PERDIDO, com Michael Caine e Omar Shariff — 18 anos.

Quinta-Feira, 7 — O REBELDE GENIAL, com Dorothy Tutin e Scott Antony — 18 anos.

Sexta-Feira, 8 — BIG BOSS, O IMPLACAVEL, com Bruce Lee e Maria Yi Yi.

CASINO:

Hoje, Sábado, 2 — O BOXEUR CHINES, com Wang Yu — 18 anos.

Amanhã, Domingo, 3 — A ESTATUA, com David Niven e Virna Lisi — 18 anos.

Segunda-Feira, 4 — O DOCE CORPO DO DELITO, com Victório Guzman e Anna Moffo — 18 anos.

Terça-Feira, 5 — AO 3.º DIA CHEGA O CORVO, com Lincoln Tate e William Berger — 18 anos.

Quarta-Feira, 6 — CÉSAR E ROSÁLIA, com Yves Montand e Romie Schneider — 18 anos.

Quinta-Feira, 7 — O SILENCIOSO, com Lino Ventura e Lea Masari — 14 anos.

Sexta-Feira, 8 — VIVA DJANGO, com Terence Hill — 14 anos.

NOTÍCIAS PESSOAIS

Casamentos

Em Espinho:

Mário Miranda da Fonseca, com D. Benilde Ribeiro de Carvalho Moreira da Fonseca.

Falecimentos

Em Espinho:

Alberto de Sá Pinto Montenegro dos Santos, solteiro, de 59 anos.
Virgolino de Oliveira, de 73 anos, casado com Ana de Oliveira.
Olívia dos Santos Oliveira, de 87 anos, viúva de António Martins de Sousa.

Dr. Rogério Ribeiro

Médico Especialista de Medicina Física e Reabilitação

Consultórios: Rua 20 n.º 500-1.º
Telefone 921014 — ESPINHO
Rua Santa Catarina n.º 778-1.º
Telefone 33868 — PORTO

Pinto de Matos

Médico Especialista ex-Assistente dos Serviços de Ortopedia das Universidades de Laueano e Edimburgo

Fracturas e Doenças dos ossos e Articulações.

RETOMOU A CLÍNICA

Rua 19 n.º 364-1.º-Tel. 921218
ESPINHO

ECOS DO NOSSO TEMPO

O SEGUNDO INIMIGO

Quem confia no futuro democrático deste país? Pelos vistos, confia o Partido Comunista, tanto assim que, ao realizar o seu primeiro congresso em liberdade, após 48 anos de vida clandestina, revelou a identidade dos seus quadros supremos. Portanto, é porque o P. C., que nunca foi pela leviandade nem sequer pela facilidade, entende que a situação democrática se encontra firmemente enraizada em Portugal e já nada significam as brincadeiras de péssimo gosto dos pides confortavelmente instalados em hotéis madrilenos nem sequer o trabalho de sapa dos raivosos saudosistas que, em 28 de Setembro, queriam brindar ao regresso dos «maus velhos tempos» — não com champanhe mas com sangue.

Só assim, de facto, se compreende que um punhado de homens e mulheres que, no conjunto, geraram 308 anos nas masmorras infectas da Rua de António Maria Cardoso ou da Rua do Heroísmo, sofreram mas calaram nos bafios redutos de Caxias ou Peniche, mostrem por fim, ao país, um rosto e um nome. Um rosto lavado de homens e mulheres que nunca se acocoraram perante a Polícia política e os demais instrumentos da repressão, um nome honrado de homens e mulheres que deram tudo de seu, a liberdade incluída, para terem o privilégio de durante 48 tenebrosos anos, guiarem este povo assustado, enganado e violentado pelos subterrâneos da liberdade que, por fim, desembocaram na manhã radiosa de 25 de Abril.

Hoje, os homens e as mulheres do Comité Central, da Comissão Política, do Secretariado, são gente como a demais, com um rosto e um nome — já não com um retrato-robot e uma alcunha. Podem andar pelas ruas sem um contínuo e vigilante relancear de olhos, podem caminhar sem o temor mal dominado de a todo o momento sentirem a mão da violência pousar no ombro, podem cruzar-se com os outros sem em cada transeunte adivinharem um polícia, um denunciante. Podem, firmemente mas modestamente como sempre, ostentar as medalhas de 308 anos de prisão só como um aviso — nunca como uma jactância. Devem habituar-se à perda da terrível carga semântica do «comunista», do «subversivo» — certo como é que sempre recusarão o pedestal fácil dos «salvadores da Pátria», dos «grandes resistentes do fascismo», dos «incansáveis cabouqueiros do socialismo português». Devem, e podem construir, agora livremente, um Portugal novo.

Já não precisam de recear a PIDE, a L. P., a A. N. P. São operários e intelectuais e, na fábrica, no campo, no escritório, na sala de aula haverão de continuar a lutar, agora com mais calma e segurança, por aquilo em que acreditam.

Só precisam de se precaver — contra o preconceito, a ignorância, o temor infantil. Pessoas que, nem eu sei porquê, insistem em pôr-me um rótulo baseando-se em tudo menos nas minhas declarações formais, escrevem-me com certa frequência perguntando se conheço a G. P. U. ou a Sibéria. Ora eu não estou aqui a defender a União Soviética, tarefa que deixo aos russos; o que gostaria é que Portugal deixasse, definitivamente, de identificar comunismo com «soviétismo».

Inegavelmente, o comunismo segue um modelo internacional. Mas não se inspira o P. P. D. num certo tipo de democracia ocidental, ou o P. S. não se rege por um paradigma nórdico? E já alguém se lembrou de tocar a rebate contra o aborrecido chauvinismo francês, só para irritar o sr. Sá Carneiro, ou apontou para o duro militarismo germânico, só para incomodar o sr. Mário Soares? O sr. Alvaro Cunhal há-de ser fatalmente Stalin? Tem o nosso país falta de braços para a indústria do sal-gema? É obrigatório instalar «tschekas» em cada esquina?

Se a Rússia, que positivamente não é Portugal, deparou com problemas, que nada obriga a que sejam os nossos problemas, e se viu forçada a resolvê-los como quis e pôde — é caso para perguntar que temos nós a ver com isso!

O comunismo é uma ideologia como outra qualquer e, por mais que custe a muita gente, agora até é autorizado em Portugal. Podem gostar dele ou não, podem inclusivamente hostilizá-lo, na observância da estrita legalidade. O que não podem é abdicar do direito de raciocínio e transplante para a realidade portuguesa chavões talvez possíveis ou necessários num dado contexto temporal e geográfico — mas não universais.

As pessoas podiam ir fazendo um esforço, já é tempo para isso, no sentido de começarem a crescer também por dentro — e a saber somar dois mais dois. É então a tolerância decerto que se enraizaria mais nos costumes portugueses e os homens e as mulheres do P. C. poderiam sorrir mais confiantes porque haviam vencido o segundo inimigo — tão perigoso e decerto mais numerosos do que o primeiro.

Ou seja, depois da repressão brutal — a ignorância bruta.

SÉRGIO ANDRADE
no «Jornal de Notícias»

EM VEZ DE PAZ

Portugal: uma das mais elevadas taxas de alcoolismo do mundo, que o situam em terceiro lugar na lista de países mais afectados. Meio milhão de alcoólicos para uma população de cerca de nove milhões. Um consumo médio de 130 litros de vinho por pessoa e por ano. Um estabelecimento que vende bebidas alcoólicas por cada grupo de cinquenta pessoas. Filhas de pais alcoólicos mais de sessenta por cento das mulheres entregues à prostituição. Portugal: um lugar no topo das estatísticas mundiais relativas ao alcoolismo. Um lugar no topo das estatísticas da desgraça.

Estes números, estes dados, não os inventou Luís Filipe Costa nem a rubrica «Há só uma Terra». Não são invenções de agitadores «comunistas» nem se inscrevem numa prática antiportuguesa. Antiportuguês, acto de autêntica traição ao País, era o silêncio sobre este, como sobre outros problemas gravíssimos da vida nacional. Antiportuguesa era a propaganda falsificadora que nos pintava de cores saudáveis uma sociedade minada por diversos cancros que, por um lado, arrastavam o País para a morte por exaustão e, por outro, carreavam para meia-dúzia de cofres os dividendos da mentira.

É claro que não se pode dizer que, ao longo de quarenta e oito anos, o velho Estado Novo não fez nada para debelar o alcoolismo em Portugal. Fez, sim senhores, que nisto de fazer coisas o antigo regime não deixava os seus créditos por mãos alheias: fez dois centros de desintoxicação, um em Lisboa e outro em Coimbra, com capacidade total para acolher cerca de cinquenta alcoólicos. Cinquenta alcoólicos para um número global de quinhentos mil, é verdade. Significa isto que, com um pouco de sorte, um alcoólico em dez mil conseguiria ser tratado em condições adequadas. Esta a obra de quase meio-século de ordem e disciplina.

(Continua na pág. 5)

POSTAL SERRANO

A Quinta foi partilhada e mais tarde um quinto da Quinta foi vendida.

Normalmente habitam a velha Quinta no seu todo, quando muito, ser trinta.

Momentaneamente passamos a ser trinta.

A propriedade raras vezes ouviu o barulho de tanta gente. Habituada à serenidade da natureza adormecida e só despertada nos campos pela voz humide e sã de quem a trabalha, a Quinta passou a ser diferente.

Momentaneamente diferente!...

Meu cunhado após curtas férias diz que regressa a Nampula-Moçambique; da Guiné veio filho do caseiro que ainda menor tarimbou em França que já «fez» Angola; uns primos com filhos «bébés» vieram de Lourenço Marques e vão jogar os dados da sorte, por cá. O resto da população adventícia é constituída por um grupo de «estrangeiros» do Norte e do Sul de Portugal. «Estrangeiros» no cavar da enxada e no regar da vinhal «Estrangeiros» do sol a sol, das chuvas e dos ventos!

Os utentes verdadeiros da Quinta são dois analfabetos que tiveram a sorte de ver seus filhos regressar a salvo das lutas do Ultramar e é a proprietária do «quinto da Quinta» que vive com os filhos e afastada do marido há longos anos emigrado em terras da Alemanha.

Em suma: em cada enxada desta gente a marca da lei inexorável da saudade!

O eventual grupo de trinta pessoas trouxe à Quinta um ar de festa. TV, rádios, motorizadas, automóveis e cantares fizeram a «música» do ajuntamento. Abraços e sorrisos ligaram por momentos, democraticamente, proprietários, caseiros e familiares.

No entanto meditando nas sequelas das difíceis deambulações de alguns por Angola, Moçambique, Guiné, Alemanha e França, o meu sonhado «cocktail» de comunhão e prazer, sabe-me à fraca jeropiga que a vida nos fez ingerir num longo período de instabilidade e inquietação!

Duarte Estêvão

JUVENTUDE TRABALHADORA

Há dias, solicitei a um conceituado democrata espinhense uma contribuição para o «M. J. T.». E ele, olhando espantado para o coupon, arguiu: «O quê? Mais um partido?». E tive, assim, que explicar-lhe o que é o Movimento da Juventude Trabalhadora.

Pois muita gente ignora o que é o M. J. T. Isto, muito embora estejam para aí afixados inúmeros cartazes com tal sigla: «Acampamento Nacional do M. J. T.», «Torneio de Futebol de Salão promovido pelo M. J. T.», etc.

Pois bem: trata-se duma organização juvenil, independente do M. D. P., mas que, à imagem e semelhança deste movimento, agrupa jovens de várias tendências partidárias e outros sem filiação definida. Têm, no entanto, um denominador comum: o trabalho; e uma aspiração comum: lutar pela edificação dum Portugal livre e democrático. Que isto é positivo, proçam-no esses jovens com a sua acção relevante durante a intentona do 28 de Setembro. A sua contribuição para o reforço dos piquetes de vigilância foi inestimável. Em Espinho, em todo o distrito de Aveiro, por todo o país, os rapazes do M. J. T. passaram noites em claro, insensíveis ao sono, à fadiga e ao frio, sem outra compensação além de honrarem o seu movimento e quicá as suas convicções políticas. E notável foi a sua compostura, o seu comedimento, aguentando incólumes todas as tarefas que lhes foram distribuídas, sem um lamentamento, sem um esgar afadigado.

Mesmo no dia a dia, distinguem-se pela sua actividade e eficiência. Uma vez terminados os seus afazeres profissionais, ei-los suplementarmente laborantes: participando em reuniões internas do seu movimento, colaborando na afixação de cartazes impressos, esboçando eles próprios os seus meios de propaganda (os seus recursos não dão para luxos...), promovendo actividades desportivas, procurando esclarecer-se politicamente, travando contacto com outros agrupamentos de natureza cultural, etc.

Alguns dos seus responsáveis

são um exemplo de sacrifício, tenacidade e dedicação por uma causa.

E quem lida com eles frequentemente, quem conhece o elevado grau de politização que eles adquiriram e o espírito democraticamente são que se reflecte nas suas atitudes, não pode deixar de estranhar que haja quem não concorde com o direito de voto aos 18 anos!

Num recente acampamento do M. J. T., em Águeda, tive ocasião de observar a sua compostura, a sua camaradagem, e a sua actividade política—independentemente de opções partidárias. Eram a autêntica imagem do «mens sana in corpore sanu». E era com extremo interesse que, em reuniões nocturnas, debatiam entre si problemas prementes, tais como a situação chilena e o combate à reacção. E devo dizer que senti orgulho em verificar que, no acampamento, o grupo espinhense era dos mais numerosos e mais activos!

Desta massa de jovens se farão os melhores democratas do futuro. Mas, de certo modo, eu desejo que eles mantenham pela vida fora o mesmo espírito: o espírito generoso e combativo que é o apanágio do M. J. T.!

LEONEL PIAS

DR.ª EMILIA PEDROSA SANTIAGO

Doenças de Senhoras

Largo da Graciosa, 41-1.º

Telef. 921891

ESPINHO

Consultas — Dias úteis das 16 às 19 horas

Amadeu Morais

ADVOGADO

Transferiu a residência e o escritório em Espinho para a Rua 20, n.º 412.

Telefones:

Escritório — 920273

Residência — 922424

FIM DE SEMANA • 75

Dos vários males que levaram ao des-crédito e ruína da primeira república portuguesa, dois há que, interligando-se, é oportuno recordar: o caciquismo e a proliferação e luta dos partidos políticos.

Na ânsia de angariar prosélitos e uma vasta clientela de apoio, abusou-se do tráfico de influências, através dos chamados caciques locais, que usavam de todos os meios para obter os votos para o partido que representavam.

Esse tráfico, que constitui autêntica corrupção política (e não corrupção de quadros que conseguissem ou concedessem condições de favor através de compensações materiais), revestiu os mais variados aspectos — era a conhecidíssima cunha para livrar o rapaz das sortes contra o voto dos familiares nas próximas eleições (e havia os que roíam a corda e, chegada a hora, bem servidos já, iam dar o voto aos outros); havia o império da recomendação, do emprego, do favor pessoal a resolver qualquer situação; havia a pressão sobre os subordinados; havia os que mercadejavam o voto para quem melhor recompensa pudesse dar, etc.

Se havia primitivamente dois ou três partidos como vigas mestras do sistema democrático, começaram a verificar-se dissidências no seio deles, começou a verificar-se a mudança de naves, os que saltavam de um partido para outro; viam-se grupos que se afastavam de um para formar outro novo partidinho. E como havia que angariar adeptos, recorria-se a todos os meios — e aí predominava o caciquismo.

Muitos e muitos dos filiados não tinham a menor consciência política; ou estavam ali porque calhou, ou porque estavam lá os seus amigos, ou porque tinham sido arregimentados por compromissos de favores obtidos.

O grau de consciência política era, possivelmente, inferior ao que hoje tem o nosso povo.

Das lutas e querelas desses partidos resultou o caos governativo e administrativo.

Sem a menor disciplina política, sem a menor preparação técnica e o menor conhecimento das realidades económicas-sociais, os prosélitos ou eram aliciados pelas razões já indicadas, ou arrastados por tribunos de palavra fácil capazes de cativar multidões, ou seduzidos pelo prestígio de figuras carismáticas.

Convém recordar estes factos para que — é preciso dizê-lo sem medo nem rodeios — se não caia hoje no mesmo erro que leve ao descrédito da democracia.

Formam-se no país diversas correntes partidárias, mas é necessário que o façam com dignidade, prestigiando-se, consciencializando os sequazes, alistando-os apenas pela pura adesão aos princípios, com a profunda convicção de saberem para onde vão, sem o menor interesse material — isto se querem consolidar a democracia.

Nasceram partidos novos, institucionalizaram-se partidos já com existência embrionária, mas sem quadros. E a preocupação que tiveram foi a de reunir adeptos para dizerem «somos muitos».

Nessa pressa, abriram no início, as portas aos democratas de 26 de Abril — os anêps espalhados por esse país; se mais adiante toparam a tolice e fecharam as portas a todo e qualquer um, o mal estava feito.

Estamos a ver fanfarronadas e triunfalismos que só poderão pôr em causa a consolidação da democracia, considerando-se auto-suficientes; estamos a ver a formação de facções elitistas, snobs, com pretensão de representativas classes, embora os seus chefes o neguem, talvez sinceramente por não darem fé da imagem que os seus imediatos projectam; estamos a ver os que se agrupam em volta de tribunos que galvanizam multidões, ou em torno de figuras carismáticas.

Estamos a ver — o que é pior — querer começar a desenvolver-se tráfico de influências.

E estamos a ver — o que é o pior de tudo — uma luta, se por vezes absurda, outras vezes pública, entre esses partidos, desunindo-se. E até com desentendimentos.

Ora o que é necessário, neste momento, para a democracia e para os democratas que o sejam conscienciosamente e a ponham acima dos seus anseios de prestígio e da elevação dos seus clans, é que todos, muito humildemente, se unam em torno do M. F. A. e se dêem para já à tarefa única que se impõe — apoiar o M. F. A. na realização do seu programa.

Convençam-se disto: não menosprezam a força da direita não democrática portuguesa por enquanto.

Convençam-se de que toda a unidade democrática é necessária.

Neste momento, os democratas são todos povo, povo e apenas povo.

Se querem a Democracia, prestigiem-se, dêem o exemplo, para que a causa porque lutam se imponha como força moral.

É preciso dizer a verdade para que se façam exames de consciência.

VASCO LUIS

ECOS DO NOSSO TEMPO

(Conclusão da pág. 4)

Apetece perguntar, como aquele guineense que vimos, há meses, numa emissão conduzida por Joaquim Letria: quanto custa uma espingarda? Quantas espingardas, ou bombas, ou granadas, seria preciso não ter comprado para cobrir o País com uma rede minimamente eficaz para a redução drástica do alcoolismo entre nós? Quantos dias de guerra teria sido preciso não fazer para chegar a esse resultado? Não sei. Sei que tivemos perto de cinco mil dias de guerra. E cinco mil noites, pois também à noite o País gastava dinheiro, e não pouco. As contas, que as faça quem as souber fazer. Que as imagine quem for capaz de imaginá-las.

O que eu sei, de ciência certa, é que por outros caminhos podíamos ter hoje, não trinta mil mutilados de guerra, como temos, mas algumas centenas de milhares de recuperados do alcoolismo. Por vias difíceis, é certo, que passaríamos pela construção de centros, pela formação de especialistas, pela informação das populações, pela transformação de hábitos. Por vias difíceis, mas não impossíveis. Mas não loucas. E sei mais: sei que, depois disso, ainda sobriariam muitos dias e noites de guerra não-feita que, depois disso, ainda sobriariam muitas metas pacíficas. Para termos agora o País que desejava trocar por outras metas pacíficas. Para termos agora o País que desejamos, que era possível, mas nos foi negado. Para o termos, em lugar deste enorme feixe de problemas que é desafio, mas também é angústia. Que é a pesada carga que nos entregaram em vez da Paz.

CORREIA DA FONSECA
(in «República»)

Escritas

Aceitam-se em regime livre
Telefone n.º 921746 ou carta à
redacção ao n.º 67

Técnico de contas

Executa, organiza e mecaniza escritas
do Grupo A ou B com a colaboração de economista

Carta à administração ao n.º 63

**Colabore
para uma cidade limpa**

Segurança para o seu dinheiro,
tranquilidade para si!

UM
NOVO
SERVIÇO
BPA

cofres
nocturnos
e diurnos

Nas 24 horas do dia e nos 7 dias da semana
estamos abertos para receber os seus depósitos.
Agora com um sistema inédito em Portugal.

BANCO PORTUGUÊS DO ATLÂNTICO
oferece-lhe a tranquilidade
de saber que fica em segurança o produto de um dia de trabalho.

GRANDE CASINO DE ESPINHO

Onde o Norte se diverte

● **MUSICA DE BAILE** ●

PELOS CONJUNTOS: — THE DROPS (Quinteto italiano)
— JOSÉ QUELHAS
— PROMOTION MUSICAL 6

● **VARIEDADES** ●

— Ballet — BORIS BOURER
— MARIA MORENO — Show (Holandez)
— THE BEL-MER & ROSA (Acrobatas Ingleses)
— RONDAT & GEANNE (Fantasistas Ingleses)
— MARIA DO ESPÍRITO SANTO (Cançonetista Portuguesa)

● **SALÃO DE FESTAS** ●

Sábado, 2 de Novembro de 1974 — Às 16 horas

ESTE ESPECTÁCULO É DEDICADO ÀS CRIANÇAS DA ESCOLA PRIMÁRIA MASCULINA E FEMININA DA MARINHA (Silvalde - Espinho)

GRANDIOSA TARDE INFANTIL

Em que colaboram:

VICTOR, ZEQUINHA & C.ª (Palhaços, Parodistas Musicais)
D. AGUINALDO (O Mágico do Impossível)
MILU-ZUCA (Excelente Fantasiista e Animadora)
MARINA (Jovem e Graciosa Malabarista)

Apresentação da locutora de programas infantis e culturais Maria José «ZEZINHA» — Maiores de 6 anos

Vamos jogar Xadrez

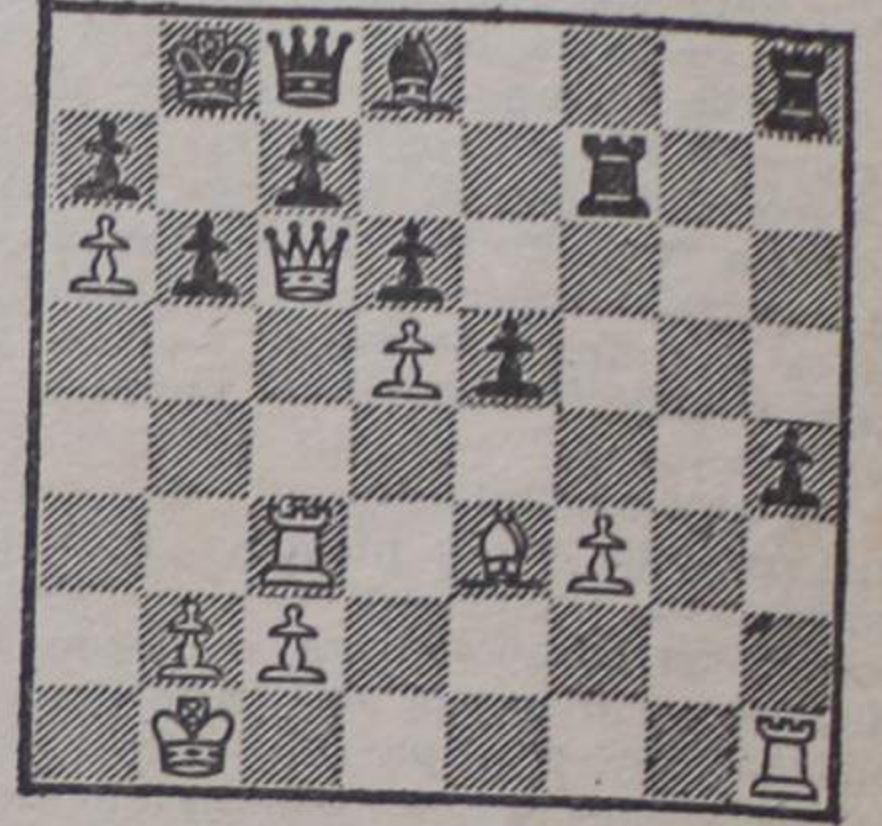
Por Henrique Cierco

Continuam a surgir as vocações...

PROBLEMA N.º 7

El vejamos agora o problema desta semana.

Do «match» Inglaterra-Holanda — 1968, uma posição que corresponde à partida BSMAM — BAREMDREGT, em que as brancas sacrificarão a sua estrutura de peças para montar um poderoso ataque sobre o roque inimigo. E em dado momento, reconhecendo o fruto da sua estratégia anterior, BSMAM inicia um belo jogo de combinação com que finda a luta. Como ?



AS BRANCAS JOGAM E GANHAM

Tempo para solução:

Dois minutos, para um jogador de primeira categoria; oito para um de segunda; quinze para um de terceira e vinte para um aficionado.

Para terminarmos a nossa rubrica de hoje, resta-nos acrescentar que os problemas que temos vindo a apresentar foram escolhidos e seleccionados de diversos torneios mundiais, pelo grande Mestre internacional da Fide — Ramón Torán.

Após a realização em Retquavique do célebre «match» entre Boris Spassky e Robert Fischer assistiu-se em todo o Mundo a uma enorme onda de entusiasmo pelo xadrez, que culminou com o aparecimento, de muitos jovens jogadores. Portugal não fugiu a essa onda, e foi com agrado que se verificou grande afluência, nos clubes da especialidade de indivíduos entre os 12 e os 18 anos.

Com natural alegria, entramos na sala de xadrez da Associação Académica de Espinho, actualmente, e continuamos a ver o grande entusiasmo atrás citado.

No nosso país muitos dos jovens apreciados para a modalidade, são hoje autênticas certezas. Referimo-nos por exemplo a António Fernandes, filho do mestre nacional Júlio Santos, apenas com 14 anos. Um dos seus últimos triunfos foi no «Torneio Junior Internacional de Manpresa — Espanha 1974.

Reproduzimos hoje nesta rubrica a partida que ditou a sua vitória no citado torneio.

Branças — António Fernandes — (Portugal).

Pretas — Dominguez (Espanha).

PEAO DE REI; DEFESA SICILIANA

1. e4, C5; 2. Cf3, d6; 3. d4, CXd4; 4. DXd4, Cc6; 5. Bb5, Bd7; 6. BXc6, BXC6; 7. Cc3, Cf6; 8. Bg5, e6; 9. 0-0-0, Be7; 10. The1, Dc7; 11. Bxf6, gxf6; 12. Cd5, exd5; 13. exd5, Bb5; 14. DXf6, Tf8; 15. Cd4, Rd8; 16. Dg7, Tc8; 17. C3, Bc4; 18. Cf5, Te8; 19. CXe7 e as pretas abandonam.

Solução do problema N.º 6 apresentado na passada semana :

1... DXC!; 2. PXD, TXT+; 3. C1R, C6D! e as brancas abandonam, por ficar com uma peça a menos e ainda perante a ameaça 4...TXC+.

FÁBRICA PROGRESSO

Manuel Francisco da Silva & C.a L.da

Esmaltagem — Alumínio — Fundição

Serralharia mecânica e civil

Louças esmaltadas e de alumínio — fogões a gaz

Banheiras esmaltadas — Placas esmaltadas

Cofres — Ferros de engomar

Exportação para o Ultramar

Tele { gramas: FÁBRICA PROGRESSO
P. P. C. 92 00 27 e 92 02 57 — ESPINHO

GENTIL GOMES DA COSTA

PROPRIEDADES
COMPRA · VENDA

Rua Fernandes Tomás, 664
Telefs. 380834 · 311991 · 381032
PORTO



MEDIADOR AUTORIZADO

OURIVESARIA CONFIANÇA

Uma casa antiga (1890) que com as suas instalações

BOM GOSTO E SIMPATIA

ACOMPANHA OS TEMPOS MODERNOS

OURO — JOALHARIA — PRATAS — RELÓGIOS

RUA 19 N.º 307 — ESPINHO

MARMORES E GRANITOS

MÁRMORES PARA TODAS AS APLICAÇÕES

VITORINO LOPES DA CRUZ

TELEF. 920565 — M.te Lirio — ESPINHO

Novas Instalações da Oficina de Mármore — Rua 7 N.º 561

ARMAZÉM DE LANIFÍCIOS

OLIFEX

Ferreira, & Oliveira L.da

ESPINHO

RUA 16 N.º 975 — APARTADO 144 — TELEFONE, 921569



Restaurante
Snack — Discoteca

CABANA

TEL.

SALÃO DE FESTAS E SERVIÇO especial para Baptizados, Casamentos e Confraternizações.

Na Discoteca

Aos domingos — Matinée

Encerrado à terça-feira para descanso do pessoal

A "Defesa" precisa de assinantes
Fale ao seu amigo

RESIDÊNCIA

1.ª CLASSE

GIRASSOL

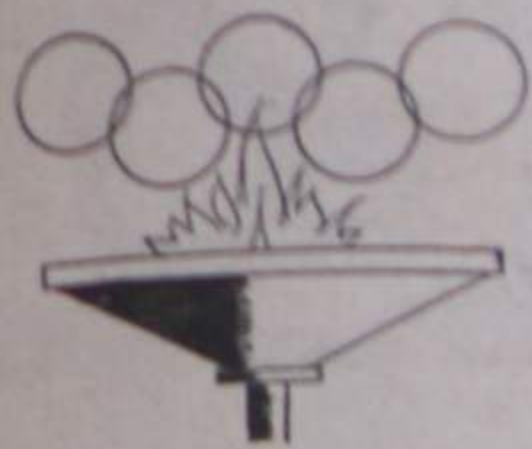
RUA SA DA BANDEIRA, 132
TEL. 21891/2/3 — PORTO, PORTUGAL

Todos os quartos com banho
Todas las habitaciones con baño
Toutes les chambres avec salle de bain
Every room with bath

RESTAURANTE

TELEFONE 27393

MARISCOS — PRATOS REGIONAIS
BACALHAU E TRIPAS A MODA DO PORTO
TODOS OS DIAS — AS 5as E DOMINGOS
FEIJOADA A BRASILEIRA



desporto



FUTEBOL

Nacional da 1.ª Divisão

S. C. de Espinho, 1 — S. L. Benfica, 2

Quem diz que o empate era imerecido?

Num CAMPO DA AVENIDA, trans-son», também uma enormíssima enchente (às 17,30 h. de uma 4.ª-feira!), ainda gritaria, enfim tudo aquilo que envolve o (alienante, não é?) futebol. Culpado agora de culpas que não tem e na perspectiva de, mais dia, menos dia, ser acusado de fascista ou de ter introduzido o fascismo. Já agora...

SP. ESPINHO: Aníbal; Bernardo da Velha, Valdemar, Washington e Gonçalves (cap.); João Carlos, Meireles e Júlio; Ferreira da Costa, Augusto e Telé.

Suplentes (não utilizados): Arménio, Simplicio, Pinto Ribeiro e Peres.

BENFICA: Bento; Malta da Silva, Humberto, Barros e Artur; Vitor Martins, Toni e Eusébio (cap.); Nené, Vitor Baptista e Moinhos.

Substituições: Aos 64 m. entrou Jaime Graça para o lugar de Vitor Baptista; e aos 76 m. Adolfo ocupou o posto de Artur.

Cartões amarelos: Malta da Silva (53) e Humberto (55 m.).

GOLOS: 1-0: passe de Júlio, centro de Augusto, BERNARDO DA VELHA recebe a bola na área, domina-a e fusila; 1-1: centro de Vitor Martins, desvio subtil de VITOR BAPTISTA (de cabeça) e Washington terá ajudado a introduzir (com infelicidade) o esférico na própria baliza; 1-2: centro de Toni, cabeça primorosa de Humberto que NENE recebe na marca de «penalty», para disparar como quis.

★

Em cerimónia antes do início, o dirigente visitante Ilídio Fulgêncio entregou ao Dr. Gomes de Almeida, Presidente da Direcção do S. C. Espinho, uma «água» em bronze, símbolo dos benfiquistas, para assinalar a primeira visita oficial a Espinho.

★

1 — As minhas desculpas por aparecer hoje nestas colunas. Estou só de passagem, para aceder a um convite do meu prezado amigo, Eng. Arménio Gomes, a desempenhar o papel de mentor desta página, o qual não podia recusar.

2 — Relatar o jogo não. Já os jornais todos o fizeram. Vamos prender-nos com determinados aspectos. Citar a enchente, a emotividade, o entusiasmo, a policromia, a vibração... Uma tarde grande de futebol (o aliciante, não é?). E quanto nos lembramos da falta do estádio, neste dia como nunca o «Avenida» teve! Veio o Benfica, «grande senhor da bola», que há quatro dias esteve na Alemanha de Leste, onde provocou o mesmo «fris-

son», também uma enormíssima enchente (às 17,30 h. de uma 4.ª-feira!), ainda gritaria, enfim tudo aquilo que envolve o (alienante, não é?) futebol. Culpado agora de culpas que não tem e na perspectiva de, mais dia, menos dia, ser acusado de fascista ou de ter introduzido o fascismo. Já agora...

3 — Para nós, o Espinho perdeu mal. Pesando os prós e os contras dos 90 m., o empate surge-nos como o resultado mais justo. Quer isto dizer que os «tigres» se equivalem aos encarnados? Não. Quer isto dizer que se equivaleram. Sem temores, apresentando um 4x4x2 elástico, briosos, cheios de querer, de garra, fazendo um futebol prático, objectivo, para uma exibição que reputamos como a segunda melhor em casa. Para isso, mais a humildade, o descaramento e o interesse em fazer um brilharete. Quase, quase e sem escandalizar.

4 — O Benfica, equipa que deixa jogar, teve de lutar. O Benfica equipa grande, não está em bom momento. Nem exibiu a sua força futebolística tradicional, nem esmagou, nem foi capaz de construir uma goleada, nem, sequer, foi capaz de evitar as alternâncias de comando, de domínio, no jogo e no marcador. Mas, se... E se... Além de que... E, etc. e tal. Pois é. Porém, dentro das quatro linhas, não se viu o Benfica, e viu-se um Espinho, a corresponder, a regatear o triunfo, a jogar taco-a-taco, acabando por ceder apenas contra a chamada corrente do jogo.

5 — Isto não invalida que os «tigres» sejam de um campeonato e os «águias» de outro. Isto não invalida reconhecer a categoria e a classe dos benfiquistas, em paralelo com a dos espinhenses. Mas, nos noventa minutos, deste agradável encontro no «Avenida», o empate era o prémio merecido para os «tigres», como a vitória foi um prémio demasiado para o Benfica actual, o que vimos no «Avenida».

6 — Um bravo ao brio de todos os espinhenses e destaque para Bernardo da Velha (para quê aquela entrada?), Washington, João Carlos (que tarde!), Júlio e Telé; no Benfica, um Humberto Coelho (em grande), Barros, Vitor Martins e Eusébio, humilde, lutador, operário com pés de oiro a dar um exemplo magnífico de profissionalismo.

7 — O árbitro bem, com os lapsos normais e perdoáveis, na circunstância, mas mal acompanhado pelo juiz de linha do lado da bancada, com algumas falhas evitáveis.

8 — Por último, «cartão amarelo» para determinado sector do público, pois, pela segunda vez, reage contra opiniões dos homens da rádio, já que seguem os jogos pelos transistores. Eles estarão isentos de errar? Não! Mas, quem vê o jogo mais friamente: um homem que está ali para ver as duas (duas, repete-se) equipas, o trio de arbitragem, sem paixões clubistas, ou o adepto que vê por outra óptica, a maioria só para um lado, só com o fito de ganhar, ganhar, ganhar, até com fanatismo?

C. S.

Hóquei em Patins

CAMPEONATO REGIONAL DE INFANTIS

A. A. Espinho, 4 — Académico, 0

A.A.E. — Brito; Silva, Sousa, Victor, Gabriel, Salvador, Marçal e Gil. Marcadores — Salvador (2) e Victor (2).

Grande exibição numa demonstração de belo hóquei por parte da Académica Espinho. De salientar que os espinhenses constituem a equipa mais jovem deste regional, sendo mesmo assim uma das melhores equipas, senão a melhor, formando um conjunto de titulares e suplentes muito equilibrados, ao contrário das outras equipas, que jogam à base de um ou dois elementos.

A. A. Espinho, 1 — I. de Sagres, 0

A.A.E. — Brito; Sousa, Silva, Gabriel, Victor Hugo, Salvador, Sá e Marçal.

Marcador — Victor Hugo.

Tal como no jogo anterior a Académica voltou a realizar uma boa exibição, só não concretizando em golos, toda a sua superioridade durante todo o encontro. Terminou com este jogo, a 1.ª volta do regional, ocupando o clube Espinhense a terceira posição a dois pontos do líder.

Voleibol

CAMPEONATO REGIONAL DE SENIORES

1.ª Divisão

S. C. Espinho, 2 — C. D. U. P., 3

S. C. E. — Padrão; Cadete, Rolando, Tomás, Fernando Correia, Luis Correia, Tony, Júlio, Resende, Salvador, Balona e Chico.

Segunda derrota consecutiva da equipa espinhense neste regional, desta vez contra um adversário que se reforçou, em relação à época anterior. O jogo foi muito equilibrado e teve momentos de bom Voleibol. Saliente-se a inclusão na equipa dos «tigres» de Júlio e Cadete, ambos ex-B. P. A.

2.ª Divisão

A. A. Espinho, 2 — Carvalhos, 3

A. A. E. — Jorge Monteiro; Adriano, Betinho, Aragão, Fausto, Pinto Correia, António Santos, Melo, Reis e Matos.

CAMPEONATO REGIONAL FEMININO

2.ª Divisão

S. C. Espinho, 3 — A. A. Espinho, 0

S. C. E. — Teresa; Maria José, Tiberia, Mira, Clarinha, Isabel, Fátima, Amélia e Lúcia.

A. A. E. — Estela; Fátima, Palmira, Filomena, Fernanda, Lurdes, Tucha e Ana Paula.

Vitória normal das meninas do Sporting, que durante todo o encontro não tiveram dificuldades de levar de vencida as suas rivais.

TORNEIO INICIO DE JUVENIS

S. C. Espinho, 1 — A. A. Espinho, 3

S. C. E. — Luis; Alcindo, David, Carlos, Ricardo, Sá, Alvaro, Miranda, Cascais e Rogério.

A. A. E. — Serrano; António Pinto, Paulino, Lacerda, Fidalgo, Chico, Carlos Rui, Barra e Baptista.

Fraca exibição das duas equipas e vitória da que se encontra melhor apetrechada de valores individuais. A equipa da Académica é o guia isolado da sua série sem derrotas.

VOLEIBOL EM NOTICIA

Realizaram-se na passada quinta-feira na sede da Associação de Voleibol do Porto, na casa do Desporto do Porto, os sorteios dos campeonatos regionais de juniores, juvenis e iniciados. O início destes mesmos campeonatos está previsto para o dia 24 de Novembro.

ACTUAIS CLASSIFICAÇÕES

SENIORES

1.ª Divisão — S. C. de Espinho — 6.º lugar — 4 pontos;
2.ª Divisão — A. A. Espinho — 6.º lugar — 3 pontos.

FEMININO

S. C. Espinho — 2.º lugar — 4 pts.
A. A. Espinho — 3.º lugar — 2 pts.

JUNIORES

S. C. Espinho — 4.º lugar — 2 pts.

JUVENIS

A. A. Espinho — 1.º lugar — 6 pts.
S. C. Espinho — 4.º lugar — 4 pts.

PRÓXIMOS JOGOS

VOLEIBOL

2-11-74

Feminino

S. C. Espinho-S. Mamede — 17 horas — No Pavilhão do S. C. Espinho;
Desportivo de Fiães — A. A. Espinho — 17 horas — Em Fiães.

Séniiores

Desp. de Fiães — A. A. de Espinho — 21,30 — Em Fiães;
N. Alvares Gondomar. — S. C. Espinho — 22 horas — Em Gondomar.

3-11-74

Juniores

Desp. Póvoa — S. C. Espinho — 9,30 — Pavilhão da Póvoa.

Juvenis

S. Mamede — S. C. Espinho — 10,30 — Em S. Mamede;
A. A. Espinho — F. C. do Porto — 10 horas.

Hóquei em Campo

F. C. do Porto, 1 — A. de Espinho, 1

A.A.E. — Sancebas; Amílcar, Menezes, Lima, M. António, Dias, Miro, Oscar, Albano (Adérito), Rocha (1) e Vladimiro (Cruz).

Intervalo — 1-0.

Jogo muito emotivo, com um resul-

tado certo, embora a Académica fosse a equipa que tivesse criado maior número de oportunidades de marcar, nomeadamente por parte de Rocha e Vladimiro. De referir que este empate conseguido no campo do adversário, mereceu as honras da jornada, pois a equipa portista é normalmente uma séria candidata ao título.

Centro de Enfermagem de Espinho

Todos os serviços de enfermagem, oxigénio, camas articuladas, etc. Ambulâncias com oxigénio para transporte de doentes. Horário das 9 às 12 e das 14 às 20 h. Telef. 921587 (das 9 às 20 h.) Telefone de urgência 922329 Rua 16 n.º 868 — ESPINHO



III FESTIVAL INTERNACIONAL DE CINEMA DA FIGUEIRA DA FOZ

Uma mostra do cinema novo (1)

Crónica de JOSÉ LEITÃO RAMOS



ESTA NOITE OU NUNCA do realizador suíço Daniel Schmid, Grande Prémio do III Festival Internacional de Cinema da Figueira da Foz. Uma nova forma de pensar a interligação do fascínio da música, da cor e do movimento, posta ao serviço de uma proposta de reflexão sobre uma sociedade, a sua evolução ou o seu bloqueamento

EDITORIAL

Coordenadas de uma política válida de cultura de massas

Novos caminhos se abrem em Portugal para as actividades culturais, no processo social e político que tem vindo a ser posto de pé depois do 25 de Abril. De sua natureza, ao cinema compete, numa ampla acção de consciencialização da sociedade portuguesa, uma actuação caracterizada socialmente, jamais ao nível dos indivíduos isolados.

Pelo que nelas se contém de exemplar para essa acção cultural cinematográfica transcrevem-se de seguida algumas das palavras de saudação ao Eng. Vasco Pinto Leite, Director Geral da Cultura Popular e Espectáculos proferidas na sessão de distribuição de prémios do III Festival Internacional de Cinema da Figueira da Foz pelo Secretário Geral do Festival, José Vieira Marques.

«...Da experiência destes três primeiros festivais da Figueira da Foz parece poder concluir-se que urge dar aos Festivais de Cinema que se realizam entre nós, como característica estrutural a de divulgarem obras desconhecidas do nosso público e ainda não adquiridas pelas Casas de Distribuição de Filmes. Creio que só assim se começará a encontrar uma saída para o impasse que se verifica actualmente: por um lado, estão as casas distribuidoras sujeitas às leis da grande oferta, melhor diria, da imposição dos naipes de filmes dos grandes circuitos internacionais e, por outro, as efectivas necessidades do público que, como sabemos, não são apenas as da distração mais ou menos gratuita e até alienante, mas também a sede de cultura e de informação autêntica. Toda a divulgação que acompanha um Festival e os filmes nele projectados acabará por impôr a necessidade de completar os naipes de filmes adquiridos já cada ano com aqueles projectados nestas manifestações e com a garantia mínima de que a sua aquisição não seja puro fracasso de exibição.

Nesta mesma linha de pensamento, não posso deixar de lembrar um aspecto que torna quase único este Festival: os colóquios e debates sobre todos os filmes projectados. O êxito dessa parte do programa, nunca é demais repeti-lo, está intimamente ligado à pedagogia adoptada. Esta, em lugar de tentar pôr toda a gente a pensar pela mesma cabeça ou de a todos condicionar por uma única faceta ou aspecto de realidade; procura despertar a palavra, isto é, o raciocínio e a imaginação de cada espectador. Por isso, se assistiu aqui, uma vez mais a um esforço comum em que tanto ou mais ignorantes como os mais informados se encontraram num esforço comum de busca de interpretações que o mesmo é dizer de procura de parcelas de verdade.

Esta estratégia cultural que tem norteado, ao longo de 20 anos, toda a acção pedagógica do Centro de Estudos e Animação Cultural, cuja equipabase apoia a Comissão Executiva na preparação e realização do Festival da Figueira da Foz, queremos que continue a ser a tônica desta iniciativa, sob pena de ela se negar a si mesma, isto é, de se tornar não no exercício da liberdade de expressão e de opinião mas na triste aprendizagem do bloqueamento do raciocínio e da imaginação por ideias e imagens que são exteriores e alheias a cada espectador. Se em 1972 e 1973 aqui nos reunimos, por nossa iniciativa e correndo conscientemente todos os riscos, em breves espaços de liberdade de oito dias apenas, o CEAC espera que depois do 25 de Abril a nossa política cultural que se implantou neste país, e concretamente no Ministério da Comunicação Social, nos ajude a fazer deste Festival um autêntico exercício de liberdade, paradigmático para toda uma acção de desbloqueamento de um povo que por muitas dezenas de anos, foi constringido a pensar por juízos apodícticos e opiniões que sempre lhe foram impostas de fora (...)

Para o Festival de Cinema da Figueira da Foz, como iniciativa ao serviço do cinema e do seu público, estão abertas as portas de um futuro promissor, assim haja sempre, como até aqui, uma visão correcta da verdadeira acção cultural, isto é, da autêntica promoção das pessoas nos valores que devem motivar a existência».

Organizado pelo Centro de Estudos e Animação Cultural decorreu na Figueira da Foz de 5 a 12 de Setembro o III Festival Internacional de Cinema. Aguardado com bastante expectativa este certame bateu todas as previsões quer pela qualidade da programação apresentada quer pelo dinamismo dos debates, este ano mais voltados para uma perspectiva política de inserção das obras na realidade circundante.

Mas passemos uma análise breve dos filmes. Como grande triunfadora do certame esteve a Suíça com quatro filmes apresentados. Se os filmes de expressão francesa (*A Salamandra* de Alain Tanner e *Os Donos da Terra* de Michel Soutter) mais não fizeram que repetir um vago discurso intimista e poético, aliás já nosso conhecido, o mesmo se não pode dizer das obras germanófilas (*Esta noite ou nunca* de Daniel Schmid e *A morte do Director do circo de pulgas* de Thomas Koerfer) que mostraram, a par de um vanguardismo fermal, uma consciência político-social notável; estes dois factos originaram que a representação suíça-alemã arrebatasse três dos cinco prémios atribuídos: Grande Prémio para *Esta noite ou nunca*, Placa de Prata para *A morte do director do circo das pulgas* e Prémio Especial do Júri para a representação suíça de expressão alemã.

Esta noite ou nunca vai buscar o seu tema a um costume oitocentista da família checa dos Estherazy: no dia de S. João Nepomuceno esta família dava um jantar aos seus criados, servindo-os e aceitando um tratamento por «tu».

Partindo daí o realizador Daniel Schmid vai construir uma obra em que, retomando as ideias do espectáculo total, do expressionismo e das concepções wagnerianas, o fascínio da imagem de um colorido pútrido se alia a um fantasmático evolucionar dos personagens ora separados ou misturados, espécie de reflexo onírico de uma sociedade sem caminhos nem futuro.

De *A morte do director do circo das pulgas* se pode dizer ter constituído a grande obra política do festival. Implacável libelo contra uma sociedade que esmaga a poesia e a lucidez em nome de critérios de lucro, o filme de Koerfer é uma das mais espantosas composições brechtianas de cinema, um filme a que não chamarei de definitivo apenas porque o amanhã em cinema é imprevisível.

A Espanha foi a outra grande triunfadora deste festival, levando consigo os outros dois prémios em disputa: duas Placas de Prata para *A Prima Angélica* de Carlos Saura e *O Espírito da Colmeia* de Victor Erice. Obras que o júri classificou de resistentes são uma abordagem exacta embora com limites (os limites que o fascismo franquista continua a impôr) da castração de uma Espanha estigmatizada por uma Guerra Civil que marcou o início de uma época de obscurantismo e terror.

Da França duas obras, no extremo oposto uma da outra. Assim exibiu-se as três horas e quarenta e cinco minutos de fascínio absoluto que dão pelo nome de *A mãe e a puta* do realizador Jean Eustache, longa meditação sobre o amor e o desespero de certos filhos de Malo, isto além de repensar o próprio cinema numa tentativa vã, mas nem por isso isenta de atracção, de colar a própria

vida à tal película que roda a 24 imagens por segundo.

Nos antípodas desta obras está *Sorriso vertical* de Robert Lapoujade, a mais demente exibição de culturalismo megalómano que alguma vez me foi dado ver. Perfeitamente inqualificável. No dizer de Nuno Bragança, pornografia, que assim o escreveu no texto do programa.

Da Bélgica exibiram-se duas obras simpáticas mas de pequeno significado: *Home sweet home* de Benoir Lamy e *O Recruta* de Roland Verhavert.

A cinematografia canadiana esteve também presente com *Casamento em Branco* de William Fluet, do Canadá anglofónico, e *Rejeanne Padovani* de Denys Arcand, do Québec. Duas comunidades num mesmo país, duas formas de fazer cinema. *Casamento em Branco* é apenas um filme curioso, próximo de um teatro naturalista do princípio do século, onde apesar de tudo se tocam problemas importantes como sejam os vários mitos e comportamentos de uma moralidade reaccionária.

Rejeanne Padovani, em contrapartida, é um filme profundamente empenhado do ponto de vista político onde, num ambiente de huiselos se assiste ao deambular palaciano e sinistro de uma alta burguesia económica e política, espécie de outra face de uma *Regra do jogo* sem ironia nem desencanto. Sem dúvida nenhuma um dos filmes mais importantes deste Festival.

Dos chamados países de leste pôde o público da Figueira da Foz apreciar três filmes: *O Barão Aventureiro* e *Valéria*, da Checoslováquia e *Paisagem Morta*, da Hungria. Três horas, três estilos. Da Checoslováquia de 1962 a imaginação delirante e optimista da Escola de Animação de Praga através das aventuras do Barão de Munchausen que Karel Zeman cinematiza em *O Barão Aventureiro*; da Checoslováquia de 1970, a imaginação terrífica dos fantasmas e medos que o inconsciente de uma adolescente guarda. *Valéria* de Jaromil Jires, um realizador hoje vetado no seu país, um filme sobre a repressão interior; um dos últimos filmes de uma geração que levou ao mundo o conhecimento da existência de um cinema checo vigoroso e progressivo que um Outono matou.

Paisagem Morta de Istvan Gaal apresenta uma outra forma de expressão. Profundamente ligado à terra e aos homens conta-nos o drama da destruição de um casal que teima em ficar numa terra em que todos partiram. A impossibilidade de um viver contra a corrente, de viver à margem, irá conduzir ao desespero e depois à morte. Ainda de um cineasta de leste, agora no Ocidente, Jerzy Skolimovsky, pudemos ver no Festival *Adolescente Perversa*; cinema da produção comercial nem por isso se afunda na mediocridade. Mas o que poderia fazer um polaco com dinheiro alemão na Inglaterra a não ser uma obra híbrida?

Outras películas, algumas delas importantes etapas no percurso do cinema moderno como *Week-end* de Godard ou *Deus e o Diabo na Terra do Sol* de Glauber Rocha, se exibiram neste III Festival Internacional de Cinema da Figueira da Foz. Delas e de outros temas ligados a este certame falarei num próximo apontamento.

SEMANÁRIO
AVENÇADO

Camara Municipal de Espinho
Rua -19
ESPINHO